

# Fenômenos variáveis na Região Sul do Brasil: aspectos de comportamento sociolinguístico diferenciado entre as três capitais

(Variable phenomena in South Region of Brazil:  
aspects of sociolinguistic behavior among three capital cities)

Edair Maria Görski<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Departamento de Língua e Literatura Vernáculas – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

gorski@cce.ufsc.br

**Abstract:** This article discusses statistical results of variable phenomena at three different linguistic levels, in order to verify to what extent there are patterns of sociolinguistic variation shared among speakers in South Region of Brazil (speech samples from Varsul Project). The results show that the linguistic behavior presents *significant* differences among the capitals of South Region (Curitiba, Florianópolis and Porto Alegre) with regard to: realizations of vibrant post-vocalic; alternation of second person singular pronouns TU/VOCÊ and verbal concordance with TU; and variation in the use of discourse markers OLHA/VÊ. It is emphasized (i) the importance of the search for specificities that characterize subgroups of a wider community, in addition to describe general patterns of linguistic regularity; (ii) the relevance of running statistical tests with samples from each locality to validate general results.

**Keywords:** sociolinguistic patterns; particularities; Varsul.

**Resumo:** Este texto discute resultados estatísticos concernentes a fenômenos variáveis de três diferentes níveis linguísticos, com o objetivo de averiguar em que medida existem padrões de variação sociolinguística compartilhados entre os falantes da Região Sul (amostras de fala do Projeto Varsul). Os resultados evidenciam comportamento linguístico diferenciado entre as capitais da Região Sul (Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre) no que se refere a: realização da vibrante pós-vocálica; alternância no uso dos pronomes TU/VOCÊ e concordância verbal com TU; e variação no uso dos marcadores discursivos OLHA/VÊ. Enfatiza-se (i) a importância de se buscar particularidades que caracterizem subgrupos de uma comunidade mais ampla, além de se descreverem padrões gerais de regularidade linguística; e (ii) a pertinência de se realizarem testes estatísticos por localidade com vistas à validação de resultados gerais.

**Palavras-chave:** padrões sociolinguísticos; particularidades; Varsul.

## Introdução

O objetivo deste trabalho é, a partir do exame de análises efetuadas em amostras do Projeto Varsul (Variação Linguística na Região Sul do Brasil), expor alguns resultados de fenômenos variáveis em diferentes níveis linguísticos, evidenciando padrões sociolinguísticos distintos dentro da Região Sul, notadamente entre as três capitais: Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre. A motivação inicial para trazer esse tema à discussão – o foco nas diferenças mais do que nas semelhanças – se deve a certo desconforto causado por determinadas afirmações generalizantes acerca *da fala da Região Sul*, o que pode levar a pensar, de imediato, que existiriam no Brasil diferenças regionais que seriam prontamente identificadas como: a fala da Região Sul, a fala da Região Sudeste, a fala da Região Nordeste

etc.<sup>1</sup> Com efeito, num passar de olhos por resultados de trabalhos descritivos realizados a partir de amostras do Varsul, não se deparou com nenhum fenômeno que tenha sido apontado como significativamente representativo *da* fala *da* Região Sul, em contraste com as demais regiões brasileiras. Por sua vez, com base no banco de dados do Alers (Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil), Altenhofen (2002), investigando resultados de análises dos mapas fonético e morfossintático, chega a delimitar oito áreas linguísticas principais na configuração diatópica do português falado nessa Região.<sup>2</sup> O que se deseja acentuar, com isso, é que talvez seja ilusório supor que exista homogeneidade nos padrões de variação sociolinguística encontrados na língua falada *na* Região Sul, a ponto de se identificar um falar caracteristicamente regional.

Desse modo, um pouco na contramão da busca por regularidades de alcance mais geral, pretende-se salientar o comportamento sociolinguístico diferenciado entre as três capitais sulistas, enfatizando a importância de atentar para as especificidades que porventura caracterizem localidades particulares, e não só de buscar descrever padrões gerais de variação sociolinguística em nível regional.

Feita esta introdução, na seção a seguir expõe-se a noção de comunidade de fala (GUY, 2000; 2001) que vai dar suporte à discussão e descreve-se brevemente o Projeto Varsul para, na sequência, se examinar e discutir resultados de trabalhos variacionistas acerca dos seguintes fenômenos linguísticos: realização da vibrante pós-vocálica (nível fonético-fonológico); alternância no uso dos pronomes *tu/você* e concordância verbal com *tu* (nível morfossintático); e variação no uso dos marcadores discursivos *olha/vê* (nível discursivo).

### **Ancoragem teórico-metodológica**

Uma noção que se julga apropriada à reflexão aqui proposta, apesar de seu caráter um tanto movediço, é a de comunidade de fala. Trata-se de um conceito fundamental na Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]), porém sujeito a críticas mesmo por teóricos da área (cf., por exemplo, MILROY, 1982; ROMAINE, 1982; FIGUEROA, 1994).<sup>3</sup> Sem entrar no mérito dessa discussão conceitual, assume-se, para efeitos das reflexões desenvolvidas neste texto, a proposta de Guy (2000; 2001), sintetizada a seguir.

Procurando estabelecer critérios para caracterizar a comunidade de fala, Guy (2001) considera que os falantes devem: (i) compartilhar traços linguísticos que sejam

1 Em nível mais amplo, também nos deparamos frequentemente com afirmações generalizantes sobre o PB, feitas a partir de análises de fala de determinadas comunidades apenas.

2 Rocha (2008, p. 15) cita quatro fatores identificados por Koch (2000, p. 59) como os principais determinantes da variação no português falado na Região Sul: 1) a presença de açorianos no leste de Santa Catarina; 2) o contato português-espanhol derivado da existência de fronteiras políticas com países de fala hispânica no extremo sul; 3) o contato entre paulistas e gaúchos em fluxos migratórios e o papel das rotas dos tropeiros paulistas no comércio do gado; e 4) a existência de áreas bilíngues, originadas da instalação de imigrantes europeus não lusos nas zonas florestais.

3 Segundo Labov (2008 [1972]), “uma comunidade de fala não pode ser concebida como um grupo de falantes que usam todos as mesmas formas; ela é mais bem definida como um grupo que compartilha as mesmas normas a respeito da língua” (p. 188). Ainda de acordo com o autor, “os membros de uma comunidade de fala compartilham um conjunto comum de padrões normativos, mesmo quando encontramos variação altamente estratificada na fala real” (p. 225).

diferentes de outros grupos (esse compartilhamento inclui as restrições aplicadas à variação); (ii) ter uma frequência de comunicação alta entre si (densidade alta); e (iii) ter as mesmas normas e atitudes em relação ao uso da linguagem (avaliações sociais comuns). Guy propõe que os limites entre uma comunidade de fala e outra devem ser vistos em termos de diferenças gramaticais e não, simplesmente, em termos de diferenças na frequência de uso de determinada variável. Nesse sentido, é possível distinguir entre: 1) diferenças de frequência em diferentes comunidades de fala, sendo que o efeito de contexto (traduzido geralmente em pesos relativos) permanece semelhante; e 2) diferenças em termos do efeito de contexto entre as comunidades, o que determinaria diferenças estruturais em vez de diferenças simplesmente quantitativas (o que apontaria para diferentes gramáticas). É interessante a proposta de Guy de se tratar a “comunidade de fala como um modelo explicativo de semelhanças e diferenças no uso da língua” (2000, p. 18).<sup>4</sup>

Antes de passar à discussão dos resultados dos trabalhos que servirão de base para levar a cabo a proposta deste artigo, é oportuno que se faça uma breve descrição do Projeto Varsul, onde estão armazenadas as amostras analisadas. Trata-se de um Projeto Interinstitucional que envolve a UFPR, a UFSC, a UFRGS e a PUC-RS.<sup>5</sup> O banco oficial reúne amostras de fala de 12 cidades, sendo 4 de cada estado: (i) no Paraná: Curitiba, Londrina, Irati e Pato Branco; (ii) em Santa Catarina: Florianópolis, Blumenau, Chapecó e Lages; (iii) no Rio Grande do Sul: Porto Alegre, Flores da Cunha, Panambi e São Borja. Essa escolha das cidades contempla etnias culturalmente expressivas na formação de cada um dos estados, como alemã (Blumenau e Panambi), italiana (Chapecó e Flores da Cunha), açoriana (Florianópolis), ucraniana (Irati). O banco dispõe de 24 entrevistas por cidade, com duração aproximada de 60 minutos cada uma, totalizando 96 informantes por estado, estratificados por localidade/etnia, sexo, escolaridade (três níveis, excluindo-se, nesse primeiro momento, analfabetos e universitários) e faixa etária (de 25 a 50 anos e de 51 anos ou mais) (BISOL, 2005). Atualmente, cada instituição envolvida tem agregado novas coletas em função de demandas variadas, ampliando-se, assim, o banco inicial do projeto. Essa ampliação recobre perfis socioculturais distintos: (i) na *zona urbana*, em relação à faixa etária, estão sendo feitas entrevistas com crianças e jovens, e quanto à escolaridade, com universitários; e (ii) na *zona não urbana* (incluindo comunidades pesqueiras), estão sendo feitas entrevistas, em Florianópolis, nos mesmos moldes da zona urbana.

Com o objetivo de descrever o português falado na Região Sul do Brasil, desde o final da década de 1990, pesquisadores integrantes do grupo vêm desenvolvendo estudos sobre fenômenos variáveis em diferentes níveis linguísticos.<sup>6</sup> Como já apontado, foram

---

4 Embora o tema seja instigante, não é a intenção discutir aqui se a Região Sul se constitui numa única comunidade de fala, ou se cada capital é uma comunidade de fala individual que se encontra encaixada numa comunidade mais ampla, ou se há sobreposição entre as comunidades etc. (cf. GUY, 2000, p. 21).

5 O Projeto Varsul pode ser acessado no sítio: <http://www.varsul.org.br/>.

6 Na PUC-RS, Leda Bisol coordena trabalhos no âmbito da variação fonético-fonológica cujo objetivo é descrever padrões de variação em fenômenos como: elevação das vogais átonas pretônicas e postônicas, monotongação de ditongos decrescentes, apagamento da vibrante pós-vocálica, preservação da lateral alveolar em posição de coda, palatalização da fricativa em coda, entre outros. Na UFPR, Odete Menon tem coordenado trabalhos no campo da variação morfosintática, com ênfase na variação e mudança do paradigma pronominal e suas implicações. Na UFSC, Paulino Vandresen, Izete Lehmkuhl Coelho e Edair Görski têm coordenado trabalhos de variação em diferentes níveis, da (morfo)sintaxe ao discurso, tais como: variação na concordância verbal e nominal, no uso pronominal e no paradigma modo-temporal; variação na ordem do sujeito e na ordem do clítico; e variação em construções de topicalização, articuladores oracionais e marcadores discursivos (VANDRESEN; COELHO, 2008).

escolhidos três fenômenos variáveis representativos de trabalhos realizados com amostras do Projeto Varsul referentes às capitais sulistas. Todos esses trabalhos fizeram uso do pacote estatístico Varbrul, que calcula percentuais e pesos relativos associados a cada fator de cada variável independente controlada. A partir do exame dos resultados desses estudos, procura-se orientar a discussão à luz da seguinte questão: Em que medida se pode afirmar que existem padrões de variação sociolinguística compartilhados entre os falantes da Região Sul?

### Realização da vibrante pós-vocálica

O trabalho que embasa esta seção é o de Monaretto (2000; 2009) – com dados da Região Sul –, tendo como contraponto o de Monguilhott (2007) – com dados de Florianópolis. Monaretto (2000) apresenta uma análise do apagamento da vibrante pós-vocálica em amostra de fala de 36 informantes, 12 por capital. Entre os fatores estatisticamente selecionados para a aplicação da regra de apagamento na Região Sul, destacam-se: a classe dos verbos (e fatores correlacionados: valor morfêmico e final de palavra), a faixa etária mais jovem, a escolaridade mais baixa e a cidade de Florianópolis. A autora não comenta se efetuou ou não rodadas individuais por capital. Vamos nos ater à variável ‘localidade’, cujos pesos relativos associados a cada cidade bem como o percentual geral de apagamento da vibrante se encontram na Tabela 1.

**Tabela 1: Apagamento da vibrante pós-vocálica nas três capitais da Região Sul (Adaptada de MONARETTO, 2000, p. 281)**

Localidades	Pesos relativos
Florianópolis/SC	0,72
Porto Alegre/RS	0,48
Curitiba/PR	0,41
Região Sul	44% de apagamento

Monaretto (2000, p. 281) interpreta esse resultado como Florianópolis encontrando-se em um “estágio mais avançado no processo de enfraquecimento da vibrante”, em razão de os informantes dessa localidade preferirem a articulação posterior dessa consoante. Ou seja, a autora correlaciona, embora não apresente evidência empírica no referido trabalho, o apagamento da vibrante final pelos florianopolitanos à articulação posterior do /r/, fenômeno que não se verifica nas outras duas capitais.

Já em outro estudo com ampliação da amostra do Varsul para além das capitais, Monaretto (2009, p. 146) constata 60% de tepe e 24% de apagamento para a vibrante em posição de coda. A autora afirma:

Na coda, o tepe é a variante de maior realização fonética na maioria das localidades [em seis de dez cidades analisadas]. Em relação ao processo de mudança que a vibrante estaria sofrendo de posteriorização de sua articulação, verificado em outras regiões do Brasil, os dados revelam situação oposta na Região Sul. (MONARETTO, 2009, p. 151)

Os resultados apresentados acima e a respectiva interpretação atribuída pela autora apontam para a seguinte situação retratada em suas pesquisas para a Região Sul: (i) a realização da vibrante supera o seu apagamento; (ii) há predomínio do tepe em coda;

(iii) a Região Sul se particulariza face às demais regiões em relação ao fenômeno de posteriorização da vibrante; (iv) dentre as capitais sulistas, Florianópolis apresenta uma tendência maior ao apagamento da vibrante.

Se nos ativermos a uma leitura mais generalizante dos resultados de Monaretto, somos levados a caracterizar a Região Sul como de realização típica do tepe. Essa generalização, contudo, obscurece totalmente a realidade linguística de Florianópolis, cidade onde a variante que predomina em coda, quando foneticamente realizada, é a fricativa com articulação posteriorizada, fenômeno que já fora apontado por Monaretto (2000).

Reportando-nos à situação particular de Florianópolis, colocamos em cena o estudo de Monguilhott (2007). Com base numa perspectiva sociogeolinguística, a autora mapeia a variação da vibrante em coda silábica, efetivamente realizada, na fala de 40 informantes distribuídos em dez pontos da capital catarinense. Os resultados mostraram a seguinte distribuição para as variantes de /r/ na posição de coda: fricativa glotal (60%), fricativa velar (24%) e tepe (16%) – somando 84% de fricativas vs. 16% de tepe, evidenciando-se, portanto, a preferência dos florianopolitanos pela realização posterior do /r/, resultado que corrobora empiricamente a justificativa de Monaretto (2000) para o apagamento da vibrante, mencionada anteriormente. Cabe pontuar aqui que o português falado em Florianópolis é reconhecidamente influenciado pela colonização açoriano-madeirense iniciada no século XVIII, diferentemente do que ocorre nas demais capitais do Sul.

Monguilhott (2007), com base em Furlan (1989), tece algumas considerações de caráter histórico que são relevantes neste trabalho: (i) o tepe, originário dos colonizadores açoriano-madeirenses, é a variante mais conservadora na fala florianopolitana; (ii) está ocorrendo um processo de mudança do /r/ anterior para posterior, que não tem origem no falar açoriano; (iii) o /r/ posterior “[...] parece ser um fenômeno urbano com origem nas classes superiores das cidades e só lentamente haver penetrado na pronúncia da gente da província” (FURLAN, 1989, p. 122). Essas considerações, na visão de Monguilhott, parecem justificar o fato de a variante tepe, no estudo dela, ter aparecido predominantemente nos pontos não urbanos e na fala de informantes mais velhos e menos escolarizados. Há indícios de que essa variante (o tepe), já com frequência reduzida de uso, está em processo de mudança para uma realização posterior, uma vez que não se encontra na fala dos mais jovens. Monguilhott conclui que esses resultados apontam na direção do que outros autores (CALLOU et al., 1996, por exemplo) têm constatado para o PB: mudança do /r/ anterior para posterior.

Os resultados de diferentes estudos acerca da vibrante na Região Sul parecem apontar para (i) um processo de mudança em Florianópolis: tepe > fricativa velar/glotal > apagamento; (ii) uma correlação entre duas regras variáveis – posteriorização do /r/ e apagamento da vibrante pós-vocálica.

O que os resultados das análises expostas nesta seção nos autorizam a dizer acerca de padrões sociolinguísticos comuns na Região Sul? Não dispomos de resultados estatísticos de rodadas comparativas por capital para a realização da vibrante, o que nos deixa, de certo modo, no terreno da especulação quanto à existência ou não do mesmo efeito de contexto em cada uma das cidades. Por outro lado, o fato de se atestar em Florianópolis a alta incidência de posteriorização (MONGUILHOTT, 2007), que é associada à alta incidência de apagamento do /r/ (MONARETTO, 2000), é indício de que esse é um padrão linguístico que particulariza Florianópolis no âmbito da Região Sul.

O comportamento da vibrante pós-vocálica verificado em Florianópolis faz com que afirmações acerca da posição final como: “Em São Paulo e nas capitais do sul do Brasil, há o predomínio do tepe e o aparecimento da variante retroflexa” (CAGLIARI, 1997; MONARETTO, 1997, apud MONARETTO, 2009, p. 142) sejam consideradas com cautela e, de certo modo, relativizadas.

### Alternância no uso dos pronomes *tu/você* e concordância verbal com *tu*

Para a discussão dessas variáveis morfosintáticas correlacionadas, tomam-se como base os trabalhos de Loregian (1996) e Loregian-Penkall (2004), desenvolvidos com dados do Varsul de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, já que em Curitiba não foi encontrada nenhuma ocorrência de *tu*, e nas demais cidades paranaenses integrantes do Varsul o percentual desse pronome não chegou a 2%, conforme reporta Loregian-Penkall (2004) com base em Godoy (1999). Temos, aqui, uma primeira evidência de particularização: a Região Sul não apresenta um padrão sociolinguístico em relação às formas de referência à segunda pessoa do discurso (P2), já que em Curitiba o pronome usado é *você*. A variação pronominal para P2, portanto, se restringe a Santa Catarina e ao Rio Grande do Sul.

Loregian-Penkall (2004) levanta dados em todas as cidades gaúchas e catarinenses que compõem o Varsul; para efeitos deste trabalho, porém, serão consideradas apenas as capitais (Florianópolis e Porto Alegre), além do distrito do Ribeirão da Ilha, a mais antiga e tradicional comunidade da Ilha de Santa Catarina, localizada distante do centro de Florianópolis, em zona não urbana. Como era esperado, a variável ‘localidade’ mostrou-se estatisticamente relevante tanto para o uso de *tu/você* como para a concordância verbal com o pronome *tu*. Os resultados probabilísticos para esses dois fenômenos e o respectivo percentual geral podem ser conferidos na tabela 2.

**Tabela 2: Uso de *tu* (vs. *você*) e concordância verbal com *tu* (Adaptada de LOREGIAN-PENKALL, 2004, p. 133, 167)**

Localidades	Uso de <i>tu</i> vs. <i>você</i>		Concordância verbal com o pronome <i>tu</i>	
	Percentual	Peso relativo	Percentual	Peso relativo <sup>7</sup>
Florianópolis/SC	76%	0,32	43%	0,85
Ribeirão da Ilha/SC	96%	0,78	60%	0,91
Porto Alegre/RS	93%	0,61	7%	0,35
Região Sul (sem Curitiba)	87%		40%	

Em relação à variável pronominal, Florianópolis contrasta com Porto Alegre e Ribeirão da Ilha; já quanto à concordância, Ribeirão da Ilha apresenta comportamento semelhante a Florianópolis, opondo-se à capital gaúcha. Considerando-se os resultados percentuais, observa-se que Florianópolis é a localidade em que se verifica mais alternância entre os pronomes (76% para *tu* e 24% para *você*), enquanto em Ribeirão da Ilha e Porto Alegre o percentual de uso de *você* encontrado nas entrevistas é de apenas 4% e 7%, respectivamente. Em relação à concordância verbal canônica, Ribeirão da Ilha exibe um

<sup>7</sup> Os pesos relativos da concordância verbal foram retirados de uma rodada estatística que inclui também outras cidades do interior do estado gaúcho (Flores da Cunha, Panambi e São Borja), todas com pesos relativos próximos ao de Porto Alegre.

percentual de 60%, seguido de Florianópolis com 43%, em oposição a Porto Alegre, cuja taxa de concordância verbal com *tu* é de apenas 7%.<sup>8</sup>

Loregian-Penkal (2004) efetuou rodadas estatísticas por cidade ao estudar o comportamento dos indivíduos, incluindo apenas os informantes que fazem uso variável dos dois fenômenos estudados. Algumas convergências em termos de efeito de contexto foram encontradas: (i) para o uso de *tu* – nas três localidades, essa variante tende a ocorrer com referente determinado e em trechos argumentativos; (ii) para a concordância com o pronome *tu* – nas três localidades a concordância marcada tende a ser realizada sem pronome explícito. Verifica-se, nesses casos, um mesmo padrão contextual que aproxima as localidades.

Por outro lado, a autora encontrou especificidades importantes que particularizam Florianópolis e Ribeirão da Ilha (SC) em relação a Porto Alegre (RS), notadamente quanto à concordância: as duas localidades catarinenses compartilham o mesmo padrão contextual, diferente de Porto Alegre: verbo no pretérito perfeito, especialmente a forma assimilada *-sse*, condiciona a concordância no Ribeirão da Ilha (praticamente de forma categórica) e também em Florianópolis; referente determinado e gênero textual argumentativo e explicativo também propiciam a concordância nessas duas localidades. Contrastivamente, na capital gaúcha a variável linguística que se mostrou mais significativa foi o paralelismo, com os fatores ‘casos mistos’ e ‘verbo isolado’.

Quanto à variável ‘tempo verbal’, nota-se que o fator ‘pretérito perfeito’ aparece como condicionador da concordância verbal com o pronome *tu* em Santa Catarina, tanto para Florianópolis como para o Ribeirão da Ilha. A respeito disso, vale a pena conferir a tabela 3.

**Tabela 3: Distribuição das formas flexionais do pretérito perfeito associadas ao pronome *tu* (Adaptada de LOREGIAN, 1996, p. 87)**

Localidades	<i>-ste</i>	<i>-sse</i>	Ø
Florianópolis/SC	4%	84%	12%
Ribeirão da Ilha/SC	-	99%	1%
Porto Alegre/RS	7%	9%	84%

Como se pode notar, é bastante significativo o contraste entre Porto Alegre (com apenas 16% de marca morfológica na flexão verbal de pretérito perfeito) e as localidades catarinenses (que exibem em torno de 90% de marcação, chegando o Ribeirão da Ilha a quase 100% de flexão com assimilação (*tu cantasse* em vez de *tu cantaste*).

Esses resultados levam Loregian-Penkal (2004) a corroborar a hipótese de Menon e Loregian-Penkal (2002) de que há diferentes marcas de identidade atreladas ao uso do pronome *tu* e à concordância verbal: (i) uso do pronome *tu*, sem flexão verbal de P2 (*tu vai*) – marca de identidade gaúcha e de valores regionais;<sup>9</sup> e (ii) forma verbal canônica para P2 (*vais*) – marca de identidade do ilhéu, associada fortemente à forma *-sse* (*fosse ~ foste*) tanto no Ribeirão da Ilha (zona não urbana) como em Florianópolis (zona urbana).

8 Nas demais cidades do interior gaúcho que compõem o Varsul o percentual de concordância é ainda mais baixo, oscilando entre 2% e 5%.

9 Esse uso é evidente não só em Porto Alegre, mas também nas demais cidades gaúchas que integram o Projeto Varsul (Flores da Cunha, Panambi e São Borja), além de Chapecó, cidade catarinense com forte influência da cultura rio-grandense.

Os resultados de Loregian-Penkall (2004) são inequívocos quanto ao fato de que, para além de diferenças na frequência de uso das formas variantes, as duas capitais exibem padrões sociolinguísticos diferenciados em relação à referência de segunda pessoa e à concordância com o pronome *tu*. Há, contudo, certos efeitos de contexto que aproximam as duas cidades, tais como uso de *tu* com referente determinado e marcação de concordância canônica sem pronome explícito.

### Variação no uso dos marcadores discursivos *OLHA* e *VÊ*

Padrões sociolinguísticos na Região Sul podem ser averiguados também no âmbito dos marcadores discursivos. Considerando que os marcadores derivados dos verbos de percepção ‘olhar’ e ‘ver’, identificados pelos tipos *OLHA* e *VÊ*,<sup>10</sup> podem ser tomados como variantes da variável discursiva correspondente ao domínio funcional da ‘chamada da atenção do ouvinte’, Rost (2002) analisa esse fenômeno comparando as três capitais da Região Sul, 24 informantes por cidade. A atuação desses marcadores pode ser conferida nos exemplos:

- (1) **E:** E o novo plano do governo, o que tu achaste? A gente está aí com ele bem recente.  
**F:** *Olha*, pra mim foi ótimo [...] (POA 12 L.534)
- (2) **F:** ... no segundo ano eles começavam a escrever com tinta [...] a apresentação da prova, *veja* bem como era duro, a apresentação, a visão da prova assim valia dois pontos na média. (CTB 24 L.374)

A tabela 4 mostra os resultados para a variável ‘localidade’, bem como o percentual geral de uso de *VÊ* em oposição a *OLHA*.

**Tabela 4: Uso de *VÊ* (vs. *OLHA*) nas três capitais da Região Sul (Adaptada de ROST, 2002, p. 116)**

Localidades	Percentual	Peso relativo
Curitiba/PR	60%	0,73
Florianópolis/SC	22%	0,43
Porto Alegre/RS	14%	0,30
Região Sul	34%	-

Como se pode observar na tabela 4, o uso dos marcadores discursivos em foco é sensível à variável ‘localidade’: enquanto em Curitiba a variante preferida é *VÊ* (0,73), em Porto Alegre a tendência é para o uso do marcador *OLHA* (0,70), ficando Florianópolis com um comportamento probabilístico relativamente neutro (0,43), embora com evidente preferência por *OLHA*, acompanhando a capital gaúcha em termos frequenciais (78% e 86%, respectivamente).

Antes de comentar os resultados das rodadas estatísticas por cidade, vale salientar que há outras duas variáveis linguísticas embutidas na alternância dos marcadores: formas derivadas do indicativo e do subjuntivo para cada marcador (*vê(s) ~ veja; olha ~ olhe*), conforme mostra a tabela 5.

10 O tipo *OLHA* recobre as ocorrências: *olha*, [ˈja], [ˈj], [ˈ ] e *olhe*. O tipo *VÊ* representa as ocorrências: *vê, vês* e *veja*. Na análise, na forma derivada do modo indicativo, as reduções fonéticas são reunidas junto a *olha*.



**Tabela 5: Distribuição das formas de realização dos marcadores discursivos *VÊ* e *OLHA* nas três capitais da Região Sul (Adaptada de ROST 2002, p. 81)**

Localidades/Formas	Marcador <i>VÊ</i>		Marcador <i>OLHA</i>	
	<i>Vê(s)</i> (IND)	<i>Veja</i> (SUBJ)	<i>Olha</i> (IND)	<i>Olhe</i> (SUBJ)
Curitiba/PR	63%	37%	70%	30%
Florianópolis/SC	91%	9%	93%	7%
Porto Alegre/RS	88%	12%	98%	2%
Região Sul	70%	30%	90%	10%

É visível na tabela o predomínio das formas derivadas do indicativo na Região Sul (90% para *olha* e 70% para *vê*). Entretanto, Curitiba se destaca frente às demais capitais pela incidência maior das realizações *olhe* e *veja*, oriundas do subjuntivo. Junto a outros traços gramaticais (como posição na frase e dependência sintática), esse fator é interpretado pela autora como vestígio do uso verbal imperativo associado a *você*.

A variável independente que se mostrou mais significativa para a variação *OLHA* ~ *VÊ* na Região Sul foi o tipo de contexto de atuação discursiva dos itens. Foram identificados nove contextos diferentes com base em características mais interacionais, mais subjetivas ou mais textuais (ex.: prefaciação, atenuação, advertência, exemplificação, causalidade, etc.). O padrão contextual de uso dos marcadores na Região Sul se manteve, com poucas alterações, nas rodadas estatísticas por cidade: contextos em que o marcador apresenta traços mais interativos e subjetivos propiciam *OLHA* (como em (1)); contextos em que o marcador exhibe nuances mais textuais favorecem *VÊ* (como em (2)).

As diferenças mais evidentes entre as capitais ficam por conta de: (i) frequência de uso – em Curitiba predomina o marcador *VÊ*, que é o item que retém mais marcas de sua origem verbal; e em Porto Alegre, seguida de perto por Florianópolis, prevalece *OLHA*; (ii) vestígio de flexão verbal – Curitiba é a capital que mais retém as formas subjuntivas dos marcadores (*olhe* e *veja*); e (iii) tipo de sequência textual – variável que se mostrou significativa apenas em Curitiba, com o fator ‘argumentação’ favorecendo fortemente o marcador *VÊ*.

Em suma, os marcadores discursivos *OLHA* e *VÊ* compartilham um mesmo padrão contextual nas três capitais: *OLHA* tende a ocorrer em trechos com funções mais interativas e/ou subjetivas, ao passo que *VÊ* é favorecido em trechos com função mais textual – tendência que tem a ver com a trajetória de mudança dos itens via gramaticalização. Entretanto, esses marcadores também exibem particularidades: Curitiba é a capital que mais usa o marcador *VÊ*, é onde mais se encontram formas derivadas do modo subjuntivo e é a cidade em que se verifica uma correlação estatisticamente significativa entre sequências textuais argumentativas e uso de *VÊ*.

### Considerações finais

Fechando o texto, vale retomar a questão que orientou a discussão aqui proposta: em que medida se pode afirmar que existem padrões de variação sociolinguística compartilhados entre os falantes da Região Sul? Resumidamente, em relação aos fenômenos variáveis aqui explorados, pode-se dizer que: (1) quanto à realização da vibrante – Florianópolis se particulariza por apresentar tendência à posteriorização e ao apagamento da vibrante,

enquanto Curitiba e Porto Alegre preferem o tepe; (2) quanto à alternância no uso dos pronomes *tu/você* e concordância verbal com *tu* – (i) Curitiba se diferencia das demais capitais pelo uso exclusivo de *você*; (ii) Florianópolis (e o distrito do Ribeirão da Ilha) se distingue de Porto Alegre pela tendência à marcação de concordância verbal canônica (*tu vais*) e à assimilação na flexão verbal de pretérito perfeito (*tu fosse* em vez de *tu foste*); (iii) Porto Alegre se caracteriza pela preferência pelo uso de *tu* sem flexão verbal canônica (*tu vai*); (iv) certos efeitos de contexto aproximam Florianópolis e Porto Alegre: uso de *tu* com referente determinado e, no caso de concordância marcada, isso tende a se dar sem pronome explícito; (3) quanto à variação no uso dos marcadores discursivos *OLHA* e *VÊ* – (i) em Curitiba há mais recorrência do marcador *VÊ* enquanto em Florianópolis e Porto Alegre predomina *OLHA*; (ii) em Curitiba se encontram mais formas subjuntivas dos marcadores (*olhe* e *veja*) do que nas demais capitais onde há largo predomínio de formas no indicativo (*olha* e *vê(s)*); (iii) em Curitiba se mostra bastante significativo o fator ‘sequência textual argumentativa’ sobre o uso do marcador *VÊ*; (iv) as três capitais compartilham um mesmo efeito contextual forte: *OLHA* é o marcador favorecido em contextos com traços interativos e/ou subjetivos e *VÊ* é privilegiado em contextos com função mais textual.

Esses resultados, que evidenciam mais diferenças do que semelhanças entre as três capitais, sugerem que o pesquisador deve ser cauteloso ao fazer afirmações de caráter geral acerca da fala da Região Sul, como se os três estados do Sul compusessem uma única comunidade de fala que apresentasse padrões sociolinguísticos regulares de uso para os diferentes fenômenos variáveis. Sugerem também que, a par de se buscar descrever padrões de variação sociolinguística gerais, é importante procurar identificar se esses padrões gerais se mantêm idênticos nos subgrupos que compõem a região mais ampla (especialmente no caso de bancos de dados abrangentes como é o caso do Varsul).

Em termos metodológicos práticos, sempre que em estudos variacionistas houver controle da variável independente região/localidade e, particularmente, se essa variável extralinguística se mostrar estatisticamente significativa (como ocorreu nos estudos discutidos aqui), convém que se realizem rodadas estatísticas específicas por localidade para que se possa avaliar com propriedade os efeitos de contexto em cada subamostra e, então, compará-los com vistas a possíveis generalizações (cf. GUY, 2000). Salienta-se, pois, a relevância de se efetuarem rodadas estatísticas por localidade/grupo social, para: (i) validar regularidades estatísticas de heterogeneidade estruturada captadas em rodadas mais gerais; (ii) mapear a emergência, a propagação e/ou a implementação de padrões sociolinguísticos; (iii) iluminar comportamentos linguísticos diferenciados, especialmente quando entra em jogo a questão da identidade sociocultural da comunidade.

## REFERÊNCIAS

ALTENHOFEN, C. V. Áreas lingüísticas do português falado no sul do Brasil: um balanço das fotografias geolingüísticas do Alers. In: VANDRESEN, P. (Org.). *Variação e mudança no português da Região Sul*. Pelotas: EDUCAT, 2002. p. 115-145.

BISOL, L. VARSUL: amostra, coleta e transcrição. In: ZILLES, A. M. S. (Org.). *Estudos de variação lingüística no Brasil e no Cone Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005. p. 151-153.

CALLOU, D. M. I.; MORAES, J.; LEITE, Y. Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /r/ no português do Brasil. In: KOCH, I. (Org.). *Gramática do português falado*. Campinas: UNICAMP, 1996. v. 6, p. 465-493.

FIGUEROA, E. *Sociolinguistic metatheory*. Oxford: Pergamon, 1994. 204 p.

FURLAN, O. *Influência açoriana no português do Brasil em Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1989. 241 p.

GUY, G. As comunidades de fala: fronteiras internas e externas. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN. II, Fortaleza, 2001. (mimeo)

\_\_\_\_\_. A identidade lingüística da comunidade de fala: paralelismo interdialeto nos padrões da variação lingüística. *Organon*, Porto Alegre, v. 14, n. 28-29, p. 17-32, 2000.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de M. Bagno, M. M. P. Scherre e C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972]. 391 p.

LOREGIAN, L. *Concordância verbal com o pronome tu na fala do sul do Brasil*. 1996. 132 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

LOREGIAN-PENKAL, L. *(Re)análise da referência de segunda pessoa na fala da Região Sul*. 2004. 260 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

MENON, O.; LOREGIAN-PENKAL, L. Variação no indivíduo e na comunidade: tu/você no sul do Brasil. In: VANDRESEN, P. (Org.). *Variação e mudança no português falado da região sul*. Pelotas, RS: Educat, 2002. p. 147-188.

MILROY, James. Probing under the tip of the iceberg: phonological ‘normalization’ and the shape of speech communities. In: ROMAINE, S. (Ed.). *Sociolinguistic Variation in Speech Communities*. London: Edward Arnold, 1982. p. 35-47.

MONARETTO, V. N. de O. O apagamento da vibrante pós-vocálica nas capitais do sul do Brasil. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 275-284, março de 2000.

\_\_\_\_\_. Descrição da vibrante no português do sul do Brasil. In: BISOL, L.; COLLISCHONN, G. (Orgs.). *Português do sul do Brasil: variação fonológica*. Porto Alegre: EdUPUCRS, 2009, p. 141-151.

MONGUILHOTT, I. de O. A variação na vibrante florianopolitana: um estudo sócio-geolinguístico. *Revista da ABRALIN*, Curitiba, v. 6, n. 1, p. 147-169, jan./jun. de 2007.

ROCHA, P. G. *O português de contato com o espanhol no sul do Brasil: empréstimos lexicais*. 2008. 149 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

ROST, C. A. *OLHA e VEJA: multifuncionalidade e variação*. 2002. 151 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

ROMAINE, S. What is a speech community? In: ROMAINE, S. (Ed.). *Sociolinguistic Variation in Speech Communities*. London: Edward Arnold, 1982. p. 1-24.

VANDRESEN, P.; COELHO, I. L. Formação e políticas de disponibilização do banco VARSUL. In: GONÇALVES, C. A.; ALMEIDA, M. L. L. de. (Orgs.). *Língua Portuguesa: identidade, difusão e variabilidade*. Rio de Janeiro, 2008. v. 1. p. 75-86.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. Tradução de M. Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968]. 152 p.